



COMMEMORAÇÃO DE BRASÍLIO MACHADO

Em 14 de Novembro de 1928

I

Discurso do Dr. Antonio de Alcantara Machado

A companheira de BRASÍLIO MACHADO e os que elle deixou no mundo com o seu nome e o seu sangue não imaginavam esta cerimonia assim publica e solenne. Em rigor bastaria a offerta silenciosa e simples. Porque não se tratava de uma homenagem. O sentimento de familia ahi não poderia collaborar. A entrega do marmore de BRECHERET tem uma significação mais intima e talvez mais funda: ella representa para os herdeiros do morto a satisfação de um compromisso firmado com a propria saudade.

Não é possivel com effeito aos que veneram a memoria de BRASÍLIO MACHADO evocar-lhe a figura sem enquadrar-a na Academia, na sua Academia, onde elle viveu quarenta annos que valeram por quarenta prestações de amor, de energia e de fé. Aqui escreveu os primeiros versos. Aqui instruiu seu espirito e compoz seu caracter. Aqui falou da cathedra aos moços e tantas vezes desta mesma tribuna desferiu os periodos balançados de orador romantico. Aqui entrou com JOÃO MONTEIRO, aprendeu com CHRISPINIANO, doutorou-se com JULIO MARIA, ensi-

nou com PEDRO LESSA. Aqui foi amigo de CASTRO ALVES, fez o elogio de VARELLA e traçou a vida de ANCHIETA. Aqui alcançou suas primeiras e algumas de suas melhores victorias. Aqui vinha buscar força e conselho para a actividade desenvolvida lá fora nessa escola de santa indignação que é a advocacia honesta. E aqui certamente soffreu. Para que não se quebre pois, ainda depois da morte, uma communhão que foi tão viva, a familia de BRASILIO MACHADO restitue á Academia a imagem de seu filho.

A piedade dos discipulos quiz porém aproveitar-se do ensejo para homenagear a memoria do professor, como se já não bastasse a circumstancia de constituir-se de antigos alumnos de BRASILIO MACHADO a quasi totalidade da congregação, que agora dignifica nesta Faculdade o ensino do direito, para não deixar morrer tão cedo a lembrança do mestre. E dahi esta solennidade.

Quando sentiu no Rio de Janeiro que estava para acabar a canseira de sua vida (em que não pode nunca dizer o *Eu sou o indifferente* do poeta reaccionario) BRASILIO MACHADO quiz vir morrer em São Paulo. Então o espirito que havia sido durante mais de meio seculo uma inquietação permanente já mal se alimentava com as reminiscencias de um passado quasi esquecido.

Mas uma tarde, em que do terraço da sua casa de Hygienopolis divisou subindo no céu o vulto do Jaraguá, o paulista nelle intensamente se commoveu, pela derradeira vez tomado do sentimento que foi dos mais fieis da sua vida o desesperado amor pelo chão em que nasceu. E os versos escriptos ha quarenta annos lhe sahiram dos labios como num improviso:

*E' este o meu patrio monte
que junto ao rio cresceu...*

Depois, nas vesperas da morte, foi visital-o um de seus discipulos admirados, sinceramente queridos, que

melhor o honraram. E também pela última vez, ao calor daquella voz amiga (a mesma que entre soluços fallou deante de seu tumulo e que dentro em pouco se levantará para receber o seu busto) — a voz amiga de REYNALDO PORCHAT —, o professor se deixou arrebatado por um dos cultos mais profundos da sua intelligencia: esta Academia.

Assim poudo BRASÍLIO MACHADO, quando a vida para elle era já a morte, receber como um premio, ao lado do affecto dos seus e do amparo da religião que professou e por que combateu, o bafejo da terra e da Faculdade muito amadas.

Por tudo isso os que sabem e sentem não ser possível estremecer esta terra sem estremecer esta Faculdade hão de avaliar com que emoção os herdeiros de BRASÍLIO MACHADO aqui deixam a obra de arte de BRECHERET. Elles transmittem á imagem toda a vibração carinhosa que do homem receberam. Elles esperam que ella não fique esquecida em sua columna como cousa morta.

Sendo esta Academia uma eminencia, della se descortina a grandeza de São Paulo. E dentro de seus muros o que se foi está sempre presente.

Para os que amaram BRASÍLIO MACHADO, portanto, a conservação nesta casa do marmore que o representa é a melhor maneira de acreditar-o ainda vivo.

II

Discurso do Professor Dr Reynaldo Porchat.

A douta Congregação da Faculdade de Direito de S. Paulo me distinguiu com insigne honra, nomeando-me seu representante para vir receber das mãos da distincta familia do dr. BRASÍLIO MACHADO, nesta tocante homenagem, realçada pela solennidade da sessão, a valiosissima

offerta do busto em marmore do inesquecível lente cathedratico, que foi seu queridissimo chefe, e nosso legitimo orgulho.

E eu confesso que me invadem temores de natural fraqueza, ao ter de falar em publico sobre tão alto assumpto, neste mesmo recinto que elle encheu de luzes, e onde parece que ainda vibram os écos sonorosos da sua eloquencia.

Cóbro animo, porém, haurindo, na fonte do Evangelho, o alento que se desata da regra de S. Matheus: — “ex abundantia cordis os loquitur”

Senhores. Eu vejo a BRASÍLIO MACHADO através de uma lembrança pontuada de saudades. Mas o que nelle primeiro vejo, é o olhar... esse olhar de fulgor dentro de uns olhos verdes emoldurados pela tez morena, que penetram na alma, seduzem e dominam. Nunca senti sobre mim tamanha a magia deslumbrante da eloquencia, como quando fitava, embevecido, esse olhar, que alumia e guiava a palavra sonora e fluente.

Vendo-o, eu como que mergulho no meu passado academico, e me rejuveneco em contacto com a alacridade ruidosa dos estudantes, a compartilhar com elles as doçuras que se gosam debaixo destas vetustas, respeitabilissimas arcadas.

Eu tive a fortuna de pertencer a uma geração academica, que logrou a sorte de poder contar, no corpo da Congregação desta Academia, dois dos mais famosos oradores brasileiros: JOÃO MONTEIRO e BRASÍLIO MACHADO; ao mesmo tempo que, no corpo discente, se alteavam PEDRO MOACYR e MARINHO DE ANDRADE. Porisso as festas e commemorações, que aqui se celebravam, refulgiam sempre com pompa e brilho.

Bastava correr de bocca em bocca a nota seductora — “fala o JOÃO MONTEIRO” — ou “fala o BRASÍLIO MACHADO” — para que, no dia annunciado, este salão quasi não se pudesse conter de tantos estudantes e de tanta

gente estranha, que, em multidão, se acotovelavam para ouvir os oradores.

JOÃO MONTEIRO, bello e elegante, tinha o traço physico, caracteristico, que lhe imprimiam os seus fartos cabellos e bigodes brancos.

O seu rosto, sem rugas, ostentava o contraste de uma juventude nevada pela alvura de sua cabeça. Era o mestre da palavra. Digo, propositadamente, da palavra, e não da phrase. Porque a sua oratoria, requintadamente artistica no som e no gesto, marcava-se pela dicção impecavel.

O vocabulo, por elle pronunciado, fosse em portuguez, ou em outra qualquer lingua com que costumava adornar os seus discursos, revestia-se de uma graça e de um colorido inimitaveis. Podia deixar a phrase manca, sem arredondal-a em harmonia. Mas a palavra, sempre escolhida e lidima, elle tinha o capricho de pronuncial-a com a maxima correccão.

No dizer bem, estava o seu enlevo e o seu triumpho. Teve imitadores entre os seus discipulos, mas como o “traduttore”, o imitador é sempre “tradittore”, e ninguem jamais pôde reproduzir aquella arte primorosa e original.

BRASILIO MACHADO, alto, esbelto, de porte senhoril, bella cabeça ondeada de cabellos pretos, apresentando na physionomia um mixto de serenidade e de energia, transfigurava-se quando subia á tribuna. Porque então é que se lhe accendia, bem acceso no fundo das densas sobrance-lhas negras, aquelle olhar de magia. Illuminava-se. E o auditorio se entregava todo a essa seducção que irradiava. Era o mestre da phrase. Podia não caprichar na dicção de uma palavra, contanto que se não pertubasse o rythmo de uma phrase pronunciada com harmonia e sonoridade.

Empolgava-se elle proprio, e empolgava-se tambem o auditorio, ouvindo a entonação melodiosa de uma phrase bem arredondada e castiça, que o timbre da sua voz levemente anasalada atirava no espaço como um chuva de

scintillações encantadoras. A sua oratoria perdura ainda hoje, viva na bocca dos seus discipulos, que repetem de cór as lindas phrases dos seus discursos, essas joias encrustadas na literatura brasileira, modelos de estylo reveladores da opulencia da lingua portugueza. Quem é que não conhece e não repete o seu — “Portugal, essa nação pequenina que a Hespanha comprime, mas que o oceano alarga; essa nova Grecia dos argonautas da gloria, esse mesquinho atomo de terra que na historia ganhou as proporções sobranceiras de uma montanha”, — esse trecho mavioso daquella incomparavel oração com que glorificou CAMÕES e a nação lusa? E esse outro discurso em homenagem aos officiaes do “Adamastor”, que fez vibrar de commoção a alma de portuguezes e brasileiros, ao ouvirem, nos arroubos da mais sublimada eloquencia, a significação da visita feita por esse navio de guerra, que veio “prender mais uma ancora ás nossas praias, entrelaçando tanto a sua bandeira á nossa, que uma e outra se me afiguraram duas flammulas de um mesmo tope, duas velas abertas sobre um mastro só”?

E não se diga que BRASÍLIO só caprichava em cinzelar bellas phrases. Não. As suas orações eram cheias de substancia e ensinamento, e correspondiam sempre áquillo que se esperava de um jurisconsulto e philosopho de alta cultura como foi elle. O que elle era, era um synthetizador, em forma suave, de verdades profundas. Nisso está o segredo da perpetuidade primaveril de sua obra admiravel. A perfeição, ou a originalidade da forma, é um dos elementos que mais asseguram a durabilidade das producções literarias.

Já dissera o philosopho que o bello é o esplendor da verdade. A finura iconfundivel dos trabalhos de BRASÍLIO MACHADÓ provém do seu gosto aprimorado no convívio dos classicos gregos, latinos e lusitanos. Era desses que sabiam acompanhar o movimento das idéas modernas, quer na sciencia, quer na arte, sem deixar que o snobismo pelas novidades o arrastasse em arremettidas arrojadas. Nunca

o seu espirito se descompoz em desconcertantes disequilibrios, nunca formou no prestito barulhento da arte exhibicionista, porque manteve sempre superiormente o senso do peso e da medida, convencido de que, na experiencia, que os labores do passado offercem aos curiosos do presente, é que está o indispensavel ponto de apoio em que se firma a alavanca da actividade. Com summo tento na escolha do vocabulo apropriado á idéa ou á coisa, nunca incidiu no vicio do rebuscado ou do extravagante. As suas composições scientificas ou literarias realçam e se aprumam pela venusta castidade da phrase, que veste o pensamento de esmaltes e primores.

Seja na descripção, ou seja no conceito, num lance de fantasia, num apanhado da historia, ou num floreio de ironia, resplende sempre uma elegancia attica, que fôrça a concisão e culmina na clareza.

Vêde a maestria com que foi lapidada a sua tocante conferencia sobre JOSEPH DE ANCHIETA.

As conferencias anchietanas, senhores, realisadas no salão da bibliotheca desta Faculdade, por occasião do tricentenario do grande jesuita, em 1896, constituiram um dos acontecimentos literarios mais notaveis do Brasil, e marcaram, com indelevel traço, uma época memoravel para São Paulo. Promovidas por esse emerito escriptor que foi EDUARDO PRADO, conseguiu elle reunir junto de si uma pleiade selecta dos mais conspicuos homens de letras, com que se podia envaidecer a cultura paulistana. E com fervor patriotico, piedosa devoção christan, e acurado saber da nossa historia, celebrou-se a commemoração em honra do apostolo magnanimo.

Na festa do pobre missionario, lampejava a majestade da oratoria e do talento: PADRE CHICÔ (P Francisco de Paula Rodrigues), EDUARDO PRADO, BRASILIO MACHADO, THEODORO SAMPAIO, Padre AMERICO DE NOVAES, JOÃO MONTEIRO, general COUTÔ DE MAGALHÃES, conego MANUEL VICENTE, JOAQUIM NABUCO.

Cada qual se esforçara em produzir obra digna da solennidade.

BRASILIO MACHADO teve o seu dia; e, nesse dia, o presidente CAMPOS SALLES, ao retirar-se do salão, fazia-se o eco da impressão geral, exclamando entusiasmado: “S. Paulo é uma grande terra. Solennidades destas são uma gloria para S. Paulo”

Quem, nesse dia, ouviu a magistral conferencia, não pôde nunca mais esquecer aquella dulcissima peroração, referta de saudade, em que os nossos olhos arrebatados na eloquente invocação, pareciam ver boiar no espaço a figura gigante do abnegado missionario. Ouvi:

“Conta-se na vida de ANCHIETA, que, uma vez, aconteceu em Piratininga seccarem-se os campos pela violencia do sol, desfolharem-se as arvores pela flagellação dos ventos. Mas eis que, subito, um dia, a campina brota e floresce, e o arvoredo se enfolha.

Nesse momento, apparecia, numa volta do campo, o padre JOSEPH DE ANCHIETA.

Seculos depois, aconteceu tambem que a patria sentiu no solo a trepidação de rivalidades que se batiam, e, buscando instinctivamente a cruz do seu abrigo, soube-a exilada na sombra dos altares.

Mas eis que, inesperadamente, se abre este recinto, e a uma reconhecemos que o chão da patria não precisa do sangue que esterelisa, mas só do suor que fecunda e que bem deve ajuntar a todos num amplexo de irmãos, á sombra da velha cruz do missionario.

Neste momento, apparece, numa volta da historia, o padre JOSEPH DE ANCHIETA!”

Se quizermos admirar o orador versando materia de ordem social e politica, a falar com a autoridade de mestre de direito e de advogado, attentae no magnifico discurso, que proferiu na sessão solenne da installação do Instituto dos Advogados de S. Paulo, aos 8 de novembro de 1891, naquelle momento tenebroso para a nossa patria, em que o

violento golpe de Estado, desferido pelo marechal DEODORO, dissolvendo o Congresso Nacional, suspeitando cidadãos de inimigos da patria, e invocando os direitos da salvação publica, deixou os espiritos opprimidos e vaccillantes, temerosos pelo sombrio pavor de uma imminente anarchia que poderia arrastar consigo a morte da liberdade. Nunca soou, com mais soturno accento, aquella interrogação lançada por LATINO COELHO, logo no principio da Introdução á “Oração da Corôa”, de DEMOSTHENES.

Quando BRASILIO, assomando á tribuna, referiu-se á temeridade de quem, no momento, se apresentava como ministro da palavra portadora da verdade e pregoeira do direito, e, lembrando que era preciso haver em torno do orador um povo de cidadãos, interjectou com gravidade a pergunta: — “que será da palavra, nesta escuridão profunda”? — o auditorio, suspenso de seus labios, sentiu penetrar-lhe um arrepio de espanto, e foi sacudido por invencivel commoção.

Mas o excelso advogado da palavra, firme na defesa da sua causa, sereno no cumprimento do dever, mostrando que falava nesta casa — asylo aberto a todos quantos evitam o transigir com os factos consummados, — desdobrou o seu discurso em conceituosas considerações sobre o direito dos cidadãos e os deveres do advogado, e restaurou nos animos a calma, instillando-lhes a confiança de agir e de reagir contra as oppressões á liberdade.

“Ninguém pôde obstar que o sentimento do perigo venha sobresaltar nossa fé nos principios, nossa confiança na liberdade. Não! escravisar a palavra do direito neste momento é não ter intuição de amor á patria” “Quando em franca rebeldia levanta-se o hymno das baionetas ao compasso dos tambores, quando é mister represar as paixões que tumultuam, reprimir os interesses que affrontam os supremos dictames da lei e da ordem, então, mais poderosa que a violencia, mais fecunda que a força, deve começar a acção dominadora da palavra” E mesmo “a

palavra supprimida atemoriza, porque dentro de uma bocca que emmudece, ha sempre uma palavra que se arma”

Contemplae-o, agora, no campo da pura sciencia.

Ahi mesmo, na methodica exposiçãõ dos seus conhecimentos, não perdia o sentimento do bello. Conhecendo o verso de BOILEAU: — “rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable”, — não esquecia, entretanto, aquella outro de MUSSET: — “rien est vrai que le beau, rien est vrai sans beauté”

E como era, por seu natural, eloquente, decidiu, entre os dois poetas, com a sentença conceituosa de VAUVENARGUES: — “Deux études sont importants: l'éloquence et la verité; la verité, pour donner un fondement solide á l'éloquence; l'éloquence, pour diriger la conduite des hommes et defendre la verité”

CLAUDE BERNARD realisou o ideal de impor-se como um verdadeiro sabio, que tinha o predicado de saber expor as suas profundas lições de biologia, esmaltando-as em estylo ameno, que seduzia mesmo nas questões mais difficéis.. BRASILIO MACHADO, se precisasse justificar-se de colorir de belleza os seus trabalhos, poderia invocar o exemplo do biologista immortal.

Quando era nomeado pela Congregaçãõ da Faculdade para represental-a em homenagens de character scientifico, enfrentava os assumptos com a segurança que lhe dava a sua solida cultura, tendo a habilidade de vestil-os sempre com sua arte de primor.

Vêde-o na sessão commemorativa em honra de PASTEUR, celebrada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, ou na sessão de installaçãõ da Sociedade de Anthropologia, Sciencias Penaes e Medicina Legal de S. Paulo. Ahi a sua erudiçãõ se revela dissertando sobre os problemas da vida e do homem, atira-se contra HAECKEL e POUCHET em nome das experiencias scientificas, cujos resultados são proclamados por PASTEUR e por VIRCHOW; e, do robusto contraforte da sua inabalavel fé catholica, de-

monstra que, a despeito das maravilhosas conquistas da sciencia, se vê por toda parte, no mundo, a inevitavel expressão da idéa do infinito, e o sobrenatural latejando no fundo de todos os corações.

Disse BRUNETIÈRE que as sciencias phisicas ou natu-raes prometteram supprimir o mysterio, mas a obsessão do mysterio continúa a agitar o espirito humano. “A sciencia moderna, pelo positivismo que mutila, começa e acaba em reticencias. O mysterio fechando as extremidades da vida! E DU BOIS RAYMOND lançando, á face da orgulhosa sabedoria humana, a dura e fria verdade do seu formidavel — “ignorabimus”

Desejaes agora ver o poeta?

Os academicos quizeram que o templo do direito fosse assignalado, logo no seu frontespicio, por uma consagração carinhosa á poesia. E em vez de nomes de jurisconsultos de fama, fizeram insculpir, na fachada do edificio, os nomes dos tres poetas estudantes, ALVARES DE AZEVEDO, FAGUNDES VARELLA e CASTRO ALVES, que se criaram e se emplumaram neste ninho onde floream esperanças, e onde a saudade não morre.

Ficou assim perpetuado, nesse monumento, feito com ineffavel sympathia, o symbolismo da união fraterna entre o direito e a poesia.

Quem tiver de penetrar os humbraes desta Academia, para ouvir os seus jurisconsultos, ha de, primeiro, levantar os olhos em saudação aos poetas que lhe guardam a entrada como sentinellas das velhas tradições.

Na realização da homenagem tão significativa desse parentesco entre o “carne e o jus”, não podia ser outro o orador talhado para a solennidade, senão o jurisconsulto e poeta, que tão magistralmente preleccionava na cathedra, sustentando a commercialidade dos immoveis e a unificação do direito privado, como inspirado burilava no livro as suaves estrophes das “Madresilvas” e das “Perpetuas” Foi elle, pois, o sacerdote da consagração; e, poeta, fez

obra de poeta, compondo e recitando, em fulgurações arrebatadoras, esse hymno á poesia da mocidade, em que rematou com incrustações de ouro, o periodo que FERREIRA DE MENEZES um dia havia deixado truncado

“Se nesta terra houvesse uma mocidade

mas a mocidade é perenne como a luz, generosa como a esperança, encantadora como a poesia, ruidosa como o mar, cheia de clarões como o ceu.

“Se nesta terra houvesse uma mocidade

mas a mocidade existe, cresce, se levanta, caminha, e nesta escola é a voz sonora do direito, a encher amanha — os tribunaes com a justiça, a sciencia com a verdade, os comicios com o patriotismo, a patria com o progresso, o progresso com a liberdade.

“Se nesta terra houvesse uma mocidade .

mas a mocidade, sois vós: é a tradição opulenta das nobrezas desta casa: — tradição viva, porque vós não sois apenas o olhar que no futuro rasga os veus do santuario, como os relampagos na “Messiada”, sois tambem a orelha que escuta o passado; sois, deixai-m’o dizer, a região sonoriçada dos écos”

O mestre, que impunhava na tribuna o sceptro da eloquencia, refulgia na cathedra, com o mesmo esplendor. Lente substituto, naquelle tempo em que o substituto podia ser chamado para a regencia de qualquer cadeira do curso de direito, teve muitas oportunidades para dar provas da sua competencia invulgar em varios departamentos da sciencia juridica. E os seus discipulos, dentre os quaes me honro de ter sido um dos que mais o admiravam, teceram-lhe a justa fama de ter sido um dos professores mais illustrados, respeitaveis e seductores da douta Congregação.

Além dos meritos revelados nas lições normaes da cadeira que professava, os seus predicados de mestre eximio e de argumentador se ostentavam, com singular realce, por

ocasião das arguições de candidatos a defesa de theses ou a concursos.

A Congregação possuía, no seu seio, uma turma de argumentadores temidos, que grangearam celebridade pelos recursos de uma tactica singular e os rigores de uma logica invencivel.

Lembro-me, no meu tempo, de BENEVIDES, armado com as subtilezas da philosophia catholica, JOÃO MONTEIRO, de uma fogosidade sem par no ataque contra os defeitos das theses e os erros de portuguez; PEDRO LESSA, tempera de um profundo erudito, servido por um verbo fluente e accelerado; BRASÍLIO DOS SANTOS, com uma dialectica de ferro e uma frieza de aço, atacando o candidato com calma, e depois amassando-o aos poucos impiedosamente, como que a mastigal-o entre as cerradas mós das suas objecções. BRASÍLIO MACHADO, suave, maneiroso e quasi terno, começava o seu ataque em voz ciciada, de idyllo, para depois intensificar-se e avigorar-se, até chegar ao seu terrivel instrumento de suplicio, o seu “Logo?” suspenso em reticencias. A resposta do arguido tinha de ser dada; mas importava fatalmente, qualquer que ella fosse em uma réplica seguida de um outro inexoravel “Logo?” E assim ia por diante a argumentação, ajustada e firme, como se fosse o producto de uma construcção mecanica inabalavel feita adrede para immobilizar o candidato. E os “Logo?” se repetiam como coleios de serpente, a constringir mais em cada golpe a victima, que estrebucha e se estorce esmagada, quedando-se vencida. Então, o tiro de misericordia, tiro sem estrondo, naquella mesma voz macia do começo, que exclamava, com a leve sonoridade de uma risada muito communicativa e muito ironica, a sua conhecida expressão: “estou satisfeito” E em gesto largo abria os braços, levantando-se do doutoral, emquanto o candidato, ainda na tonteira do combate, e de olhos annuviados, enxergava naquellas braços abertos um symbolo perfeito da cruz dos seus minutos de martyrio. Era assim o argumentador.

Ao abalisado mestre não lhe bastou o ambito rutilante desta casa em que se garniu de louros. A sua personalidade projectou-se sobre outros meios, onde quer que fosse possivel terçar na luta as armas do seu talento peregrino. No jornal e nos comicios, e depois como director do Conselho Superior do Ensino, a mesma palavra autorisada foi clava de combate em prol da abolição da escravatura, em defesa dos principios da igreja catholica, e em propaganda da boa causa da instrucção. E no Tribunal do Jury, onde conquistou os mais extraordinarios triumphos, ganhando a palma de advogado criminal mais notavel do Brasil, teve elle mais um imperecivel pedestal para suas glorias.

Não se ageita aos estreitos moldes deste discurso estudar-lhe a individualidade em relação a outros ramos de actividade, onde a sua intelligencia primou sempre em rasgos brilhantissimos. Fôra materia para mui longo dissertar.

Essas glorias e o seu nome fulgente, esta Faculdade os conserva com carinho e o ciume com que, vigilante, guarda as suas immarcessiveis tradições. E esse busto artistico, cujo offercimento a Congregação agradece á dignissima familia do saudoso mestre, esplenderá neste recinto augusto, formando nessa galeria de immortaes, ao lado dos companheiros de outróra, cujas lições ainda se abrem em lampejos, que nos vão illuminando e conduzindo na missão sublimada de sustentar com dignidade e brilho o nome da Faculdade de Direito de São Paulo.

Sr. professor ALCANTARA MACHADO. Sois um rebenito vivo e legitimo dessa estirpe de altissimo quilate.

Quando, ao passar junto do tumulo paterno, que a vossa saudade erigiu no campo santo, eu vejo gravado nelle o verso de LUCRECIO, em que o poeta romano symboliza a vida naquella “corrida de archotes”, com que se divertia a mocidade de Athenas nas festas Panathenás, e me lembro que a “lampada vitae” deveria passar da mão do que tomou cansado para a mão do que ficou no vigor da vida, afim de ser perennemente mantida a chamma sempre ac-

cesa, “et quasi cursores vitae lampada tradunt”, acode-me á mente o peso da responsabilidade que assumistes recebendo o archote da mão daquelle corredor gigante, que na vida foi um vencedor pelo talento, e que, com os fructos desse talento, talhou um dos blócos rutilantes em que assenta o monumento imperecível das glorias desta Academia. O logar que occupaes nesta Congregação é uma honra, e, ao mesmo tempo, um compromisso. Com ternura filial e merito provado, tendes sabido corresponder aos deveres impostos pela sagrada herança.

Levantae bem alto essa lampada, que, quanto mais ella ascender, mais se illuminam o nome desta Faculdade, e o vulto de BRASILIO MACHADO.
